

EVOLUÇÃO DA CARGA NO SISTEMA INTERLIGADO NACIONAL E SUBSISTEMAS

1.1. Sistema Interligado Nacional

A carga de energia do SIN verificada em abril/23 apresentou variação negativa de 0,9%, em relação ao valor verificado no mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês de março/23, verificou-se uma variação negativa de 7,6%. No acumulado dos últimos 12 meses, a carga do SIN apresentou uma variação negativa de 0,3% em relação ao mesmo período anterior.

A Tabela 1, a seguir, apresenta os dados de carga e as variações percentuais com destaque para as taxas de crescimento da carga ajustada (*) em relação ao mesmo mês do ano anterior, onde são excluídos os efeitos de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.

Tabela 1 – Evolução da carga

SUBSISTEMAS	Abr/23 (MWmédio)	Variação %			
		abr-23 /abr-22	abr-23/abr-22 ajustado ⁽¹⁾	abr-23 /mar-	acumulado 12 meses ⁽²⁾
SIN	69.998	-0,9	0,3	-7,6	-0,3
SE/CO	40.054	-3,9	-2,2	-8,3	-1,1
Sul	11.588	0,2	0,8	-15,0	-1,1
Nordeste	11.543	0,5	1,0	-1,6	-0,9
Norte	6.812	16,0	15,7	1,8	7,7

(1) Exclui o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.

(2) Cresc. acum. (mai/22 -abr/23) /(mai/21 - abr/22)

Obs.: O detalhamento por classe de consumo será informado na Resenha de Mercado da EPE do mês de maio/23.

DESTAQUES: Em abril

- Variação negativa de 0,9% na carga do SIN, na comparação com abril/2022.
- O Índice de Confiança da Indústria (ICI) ficou estável ao apresentar uma variação positiva de 0,1 ponto em abril/2023
- O Índice de Confiança de Serviços (ICS) da FGV, cresceu 0,7 ponto no mês.
- O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) caiu 1,4 ponto em abril.
- A confiança dos consumidores apresentou queda de 0,2 pontos em abril.
- O índice de Confiança do Comércio (ICOM) da FGV, caiu 3,3 pontos, após a segunda alta consecutiva.

A ocorrência de temperaturas mais amenas do que às registradas durante o mês de março/23, nas capitais do Sudeste/ C. Oeste e Sul se refletiu sobre o resultado da carga desses subsistemas durante o mês de abril/23. Com impacto significativo sobre o desempenho da carga, os fatores econômicos também contribuíram para a taxa de crescimento apresentada. A contração generalizada englobando os segmentos de bens de consumo, setores de bens intermediários e bens de produção tem aprofundado a desaceleração do setor industrial brasileiro. A incerteza econômica e política continuou a ser destacada pelas empresas como fator que tem restringido os gastos dos clientes. É importante destacar que, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas – FGV, pela primeira vez, após três anos do início da pandemia de covid-19, o percentual de empresas apontando o problema de escassez de matérias primas retornou à média pré-crise de 4,3% do total. Ressalta-se que desde julho de 2020 esse problema passou a ser um importante fator limitador do aumento da produção na indústria, alcançando o recorde de assinalações em abril de 2021 (25,3%).

Após uma forte alta no mês março/23, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) do FGV IBRE ficou estável ao apresentar uma variação positiva de 0,1 ponto em abril. Este foi o maior nível desde outubro de 2022 quando alcançou 95,7 pontos. De acordo com a Sondagem da Indústria da FGV, os empresários estão visualizando alguma melhora após longo período de dificuldades para o escoamento dos estoques, apesar do nível da demanda ainda estar abaixo do normal, o que é um sinal de alerta, tendo vista as dificuldades que o Brasil enfrenta para reacelerar a atividade econômica com a manutenção da taxa de juros em patamar elevado. É importante destacar que ao subir 1,7 ponto percentual, alcançando 80,7%, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria apresentou o maior avanço desde setembro de 2020. Com esse resultado o indicador retornou ao patamar observado em outubro de 2022.

Em sentido oposto, o Índice Gerente de ComprasTM do setor industrial da S&P Global para o Brasil (PMI®), sazonalmente ajustado, caiu de 47,0 em março para 44,3 em abril. De acordo com o PMI, a deterioração acentuada do setor, foi uma das mais rápidas em três anos. De acordo com as análises da S&P Global para o Brasil (PMI®) as empresas reduziram a produção devido a uma contração mais acentuada no índice de novos negócios. Além de relatar o adiamento das encomendas dos clientes, as empresas indicaram que a redução do poder de compra das famílias, a fraca demanda subjacente e a incerteza em torno das políticas públicas pesaram no desempenho do setor. Com relação aos preços, houve um aumento mais rápido, embora modesto, nos preços de insumos, mas as pressões competitivas e as vendas fracas impediram o aumento dos custos de produção.

O Índice de Confiança Empresarial (ICE) do FGV IBRE recuou 0,3 ponto em abril, num movimento de acomodação após subir mais de dois pontos no mês anterior. Esse recuo foi motivado pela piora das expectativas para os próximos meses, refletindo um nível fraco de atividade econômica dos segmentos cíclicos da economia, uma tendência que segundo a FGV, vem sendo compensada neste início de ano pelo excelente desempenho do agronegócio. Com uma disseminação inferior à observada no mês anterior, a confiança subiu em 53% dos 49 segmentos integrantes do ICE.

A confiança dos consumidores se manteve estável no mês de abril com queda de 0,2 pontos, patamar considerado baixo em termos históricos. Segundo a FGV, existe um aumento do pessimismo das famílias com renda familiar mais baixas e redução para as famílias de maior poder aquisitivo. Esse cenário pode estar relacionado, de acordo com a FGV, ainda a um alto endividamento das famílias, principalmente de menor renda, junto com um aumento das perspectivas de inflação para os próximos meses e dificuldade de acesso ao crédito.

A variação positiva de 0,3% na carga ajustada do SIN indica que os fatores fortuitos tiveram influência negativa de 1,2% no crescimento da carga do SIN mês de abril/23. Vale destacar que os resultados da carga ajustada entre os subsistemas, conforme serão abordadas nas análises a seguir, acabaram compensando a variação observada no SIN.

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM) do FGV IBRE caiu 3,3 pontos, em abril, após dois meses de altas consecutivas. O resultado manteve o indicador em patamar baixo, com a média dos quatro primeiros meses ficando perto dos 85 pontos. De acordo com a FGV, a queda foi puxada pela piora nas expectativas. Foi observada uma leve melhora no índice sobre a situação atual, mas ainda é necessária cautela dado que a recuperação não é expressiva e não está atrelada a um aquecimento da demanda. O cenário de curto prazo ainda permanece em nível desfavorável com ambiente macroeconômico desafiador e cautela dos consumidores

Com alta de 0,7 ponto em abril, depois de um período de desaceleração mais intensa, o Índice de Confiança de Serviços (ICS) do FGV IBRE começa a dar sinais de recuperação avançando pelo segundo mês seguido e alcançando 92,4 pontos. Este foi o maior nível desde novembro do ano passado quando atingiu 93,7 pontos. A alta foi influenciada pela melhor percepção com o momento atual e disseminada nos principais segmentos do setor. Apesar dessa sequência de altas, só foram recuperados 26% de toda perda que ocorreu a partir do último trimestre do ano passado. O Índice de Atividade de Negócios do Setor de Serviços para o Brasil da S&P Global, sazonalmente ajustado, também apresentou aumento, passando de 51,8 em março para 54,5 em abril. O resultado se apresenta além do nível neutro de 50,0, atingindo a maior alta em nove meses. As empresas monitoradas atribuíram a alta a um aumento sustentado no volume de novos negócios. Tanto as vendas quanto a atividade de negócios cresceram a um ritmo sólido e acelerado, com o mercado de trabalho apresentando notável resiliência. O índice de emprego aumentou no ritmo mais rápido em seis meses. As pressões sobre os preços no setor de serviços permaneceram altas a nível histórico, vinculadas ao aumento dos custos de energia, alimentos, combustível, materiais de construção, transporte e água.

O Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br), da FGV, caiu 4,1 pontos em abril, para 112,6 pontos, devolvendo 82% da alta observada no mês anterior. A queda foi motivada pela atenuação dos fatores de risco relacionados aos dois temas e por uma redução dos ruídos políticos entre Governo e Banco Central com relação à taxa de juros.

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) do FGV IBRE caiu 1,4 ponto em abril, para 75,0 pontos, após meses seguidos de alta. Segundo a FGV, a desaceleração econômica global em curso, relacionada a uma política monetária restritiva e inflação deve tornar o ano de 2023 mais desafiador.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados dos indicadores da Indústria e Comércio disponibilizados pela Fundação Getúlio Vargas – FGV.

Tabela 2

Indicadores Indústria (1)	fev/23	mar/23 (A)	abr/23 (B)	Variação (B-A)
Nível de Util. Capac. Instal. (NUCI)	78,7	79	80,7	1,7
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	92,0	94,4	94,5	0,1
Índice da Situação Atual (ISA)	92,8	91,5	93,5	2,0
Índice de Expectativas (IE)	91,4	97,5	95,7	-1,8

(1) Sondagem da Indústria – Fundação Getúlio Vargas – FGV-IBRE

Tabela 3

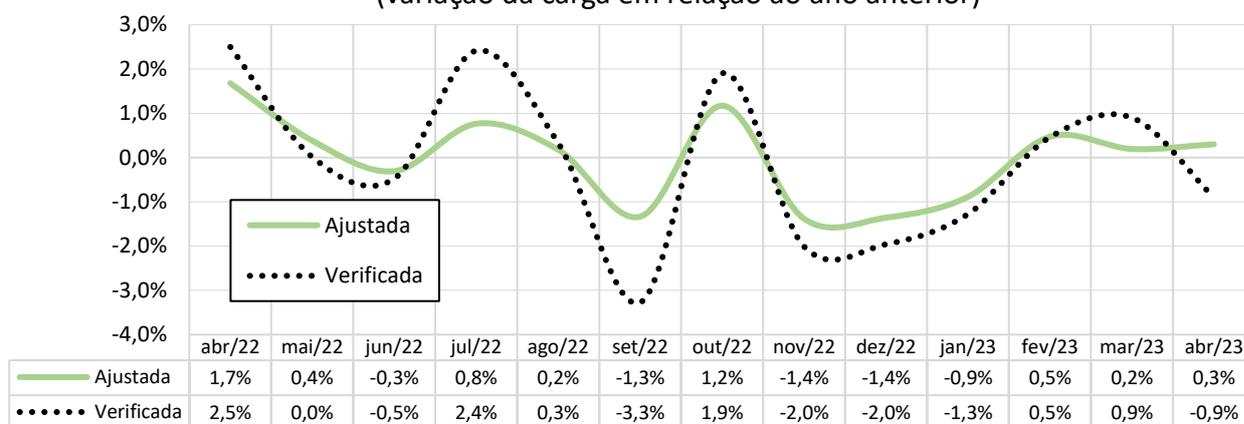
Indicadores Comércio (2)	fev/23	mar/23 (A)	abr/23 (B)	Variação (B-A)
Índice de Conf. do Comércio (ICOM)	85,8	86,9	83,6	-3,3
Índ. da Situação Atual (ISA)	86,6	86,9	87,4	0,5
Índice de Expectativas (IE-COM)	85,7	87,3	80,3	-7,0

(2) Sondagem do Comércio – Fundação Getúlio Vargas – FGV-IBRE

O Gráfico 1, a seguir, apresenta uma comparação entre as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada do SIN.

Gráfico 1: SIN

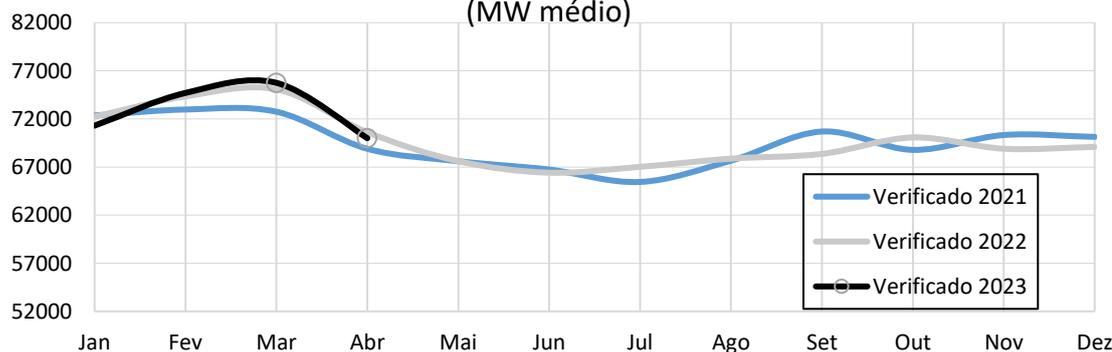
(variação da carga em relação ao ano anterior)



O comportamento da carga de energia do SIN ao longo do ano pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2: SIN - Carga de energia

(MW médio)



1.2. Subsistema Sudeste/Centro-Oeste

Para o subsistema Sudeste/Centro-Oeste, a carga de energia verificada em abril/23 apresentou uma variação negativa de 3,9% em relação à carga verificada no mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês de março/23, verifica-se uma variação negativa de 8,3% na carga. No acumulado dos últimos 12 meses o subsistema Sudeste/Centro-Oeste apresentou uma variação negativa de 1,1% em relação ao mesmo período anterior.

A ocorrência de temperaturas amenas nas capitais do Sudeste/ C. Oeste no mês de abril e a continuidade da trajetória negativa das atividades econômicas contribuíram negativamente sobre o comportamento da carga no mês. Com cerca de 60% do consumo industrial do país, a carga do subsistema Sudeste/Centro-Oeste é bastante influenciada pelo desempenho desse setor que de acordo com a Sondagem Industrial, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), apresentou queda da confiança em abril de 2023. A queda da confiança foi observada em todos os portes de indústria (pequenas, médias e grandes empresas), em todas as regiões do Brasil e na maioria dos setores da Indústria (20 de 29 setores). Segundo a CNI, existe uma avaliação quase unânime entre todas as segmentações da indústria, exceto no segmento da Indústria extrativa, de que as condições atuais da economia brasileira e das empresas estão piores do que estavam nos últimos seis meses. Essa piora foi o principal causador do recuo disseminado da confiança em abril.

A variação negativa de 2,2% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto negativo de 1,7% sobre desempenho da carga do subsistema Sudeste/Centro-Oeste.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sudeste/Centro-Oeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: SE/CO - Carga de energia
(MW médio)

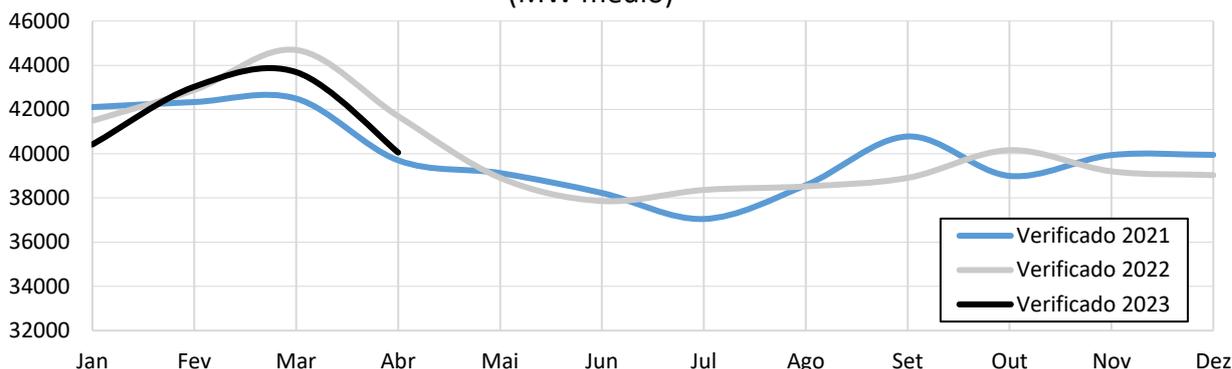
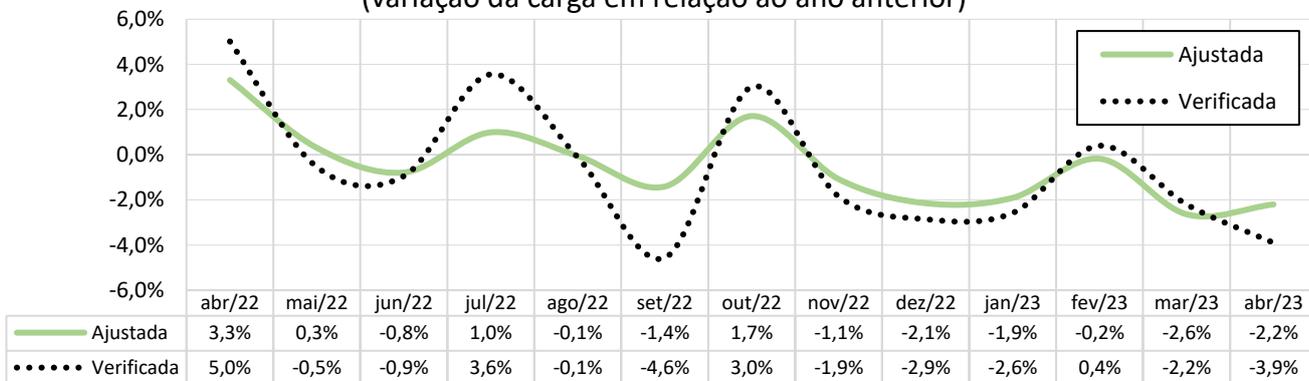


Gráfico 4: Subsistema SE/CO

(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.3. Subsistema Sul

A carga de energia verificada em abril/23 no subsistema Sul indica variação positiva de 0,2% em relação à carga do mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês de março/23, verifica-se uma variação negativa na carga de 15,0%. No acumulado dos últimos 12 meses o subsistema Sul apresentou uma variação negativa de 1,1% em relação ao mesmo período anterior.

A ocorrência de temperaturas amenas em abril, inferiores às registradas durante o mês de março, influenciou negativamente o desempenho da carga desse subsistema. Com cerca de 30% da carga do subsistema Sul, o Rio Grande do Sul se apresenta como uma amostra significativa da carga desse subsistema e de acordo com a Sondagem Industrial do RS do mês de março, divulgada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), a produção industrial voltou a apresentar crescimento, após seis meses entre estabilidades e quedas. Em um total de cem pontos, o índice de produção atingiu 54,6, valor acima da média histórica de 51,5 do mês, indicando um ritmo mais intenso do que a sazonalidade sugere. De acordo com a FIERGS, não houve geração de emprego, que caiu pelo sexto mês consecutivo. O índice do número de empregados continua abaixo de 50 pontos, mas ao atingir 49,6, o maior valor dos últimos seis meses, indica a queda menos intensa do período. O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) também voltou a crescer em março, após duas quedas seguidas, subiu 0,9 ponto em relação a fevereiro, para 46,8. Essa foi a segunda alta em seis meses e de acordo com a FIERGS, não recuperou as perdas do período, que alcançam 16,1 pontos. É importante destacar que o índice varia de 0 a 100 pontos e abaixo de 50 revela falta de confiança no setor. Em março foi pouco menor e pouco menos disseminada entre os empresários do que no mês anterior. O aumento da confiança foi puxado pelas expectativas, visto que as condições atuais continuaram se deteriorando.

A variação positiva de 0,8% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto negativo de 0,6% sobre desempenho da carga do subsistema Sul.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sul bem como as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 5 e 6.

Gráfico 5: Sul - Carga de energia

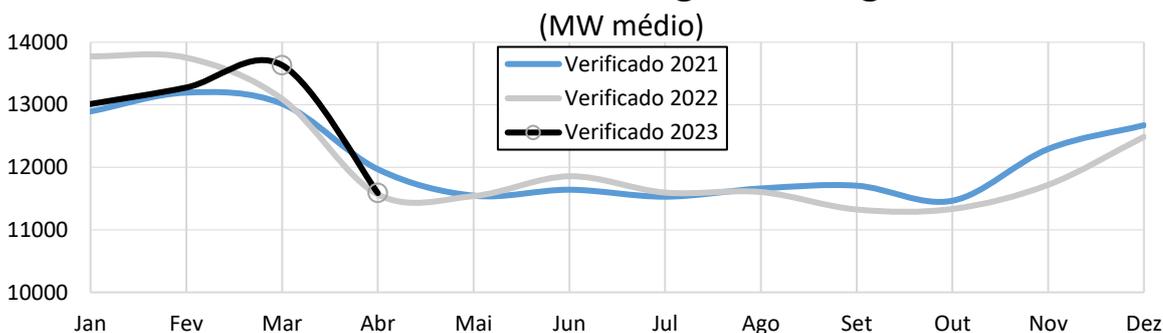
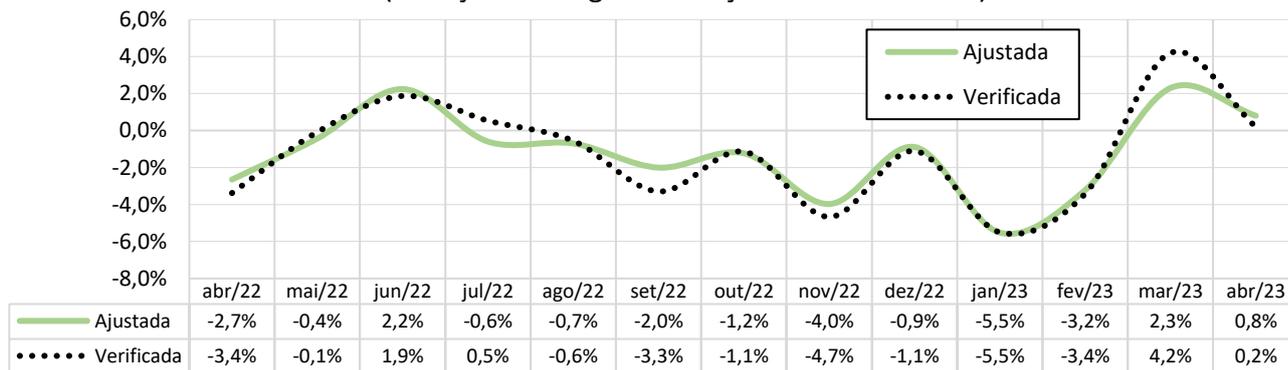


Gráfico 6: Subsistema Sul

(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.4. Subsistema Nordeste

A carga de energia verificada em abril/23 no subsistema Nordeste indica variação positiva de 0,5% em relação à carga do mesmo mês do ano anterior. Com relação a março/23 verifica-se uma variação negativa de 1,6%. No acumulado dos últimos 12 meses o subsistema Nordeste apresentou uma variação negativa de 0,9%, em relação ao mesmo período anterior.

A variação positiva de 1,0% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto negativo de 0,5% sobre desempenho da carga do subsistema Nordeste.

O comportamento da carga de energia do subsistema Nordeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 7 e 8.

Gráfico 7: Nordeste - Carga de energia
(MW médio)

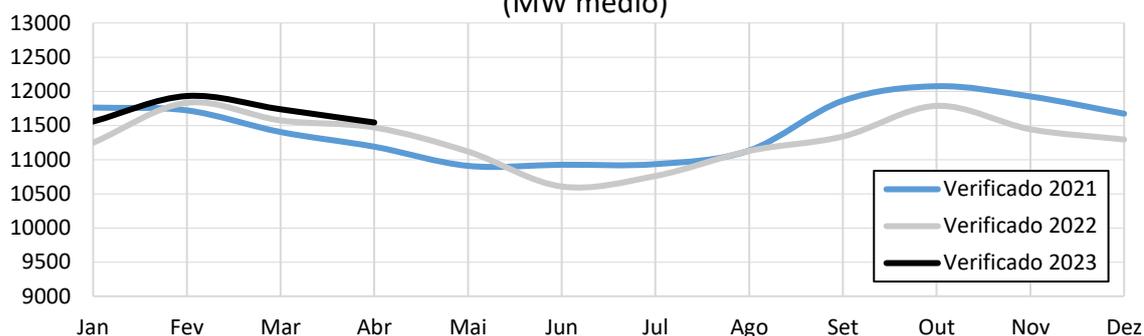
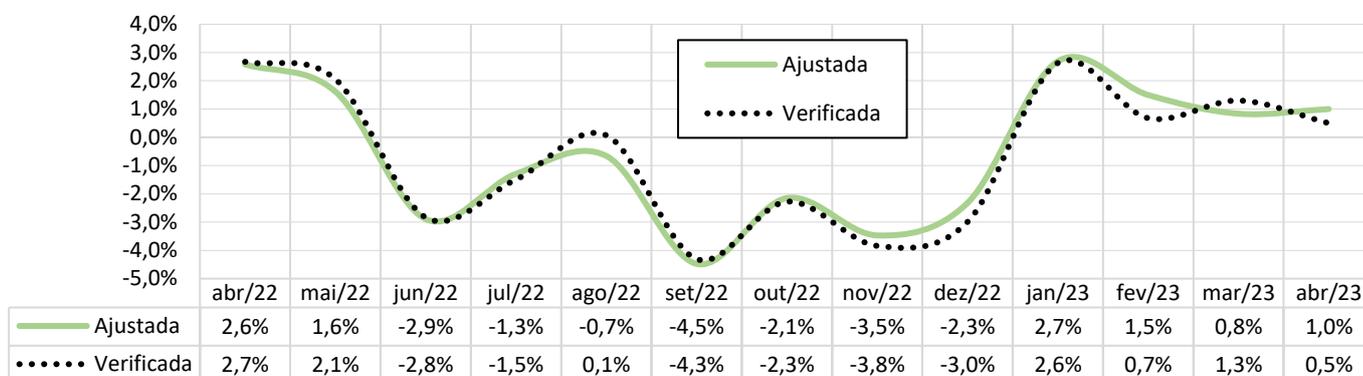


Gráfico 8: Subsistema Nordeste
(variação da carga em relação ao ano anterior)



1.5. Subsistema Norte

O subsistema Norte apresentou uma variação positiva de 16,0%, na carga de energia verificada em abril/23, em relação ao valor ocorrido no mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês de março/23, verifica-se uma variação positiva de 1,8%. No acumulado dos últimos 12 meses, o Norte apresentou uma variação positiva de 7,7% em relação ao mesmo período anterior.

A elevada taxa de crescimento da carga do subsistema Norte pode ser explicada principalmente pela retomada de carga de um grande Consumidor Livre da Rede básica observada a partir do segundo semestre de 2022. A variação positiva de 15,7% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto positivo de apenas 0,3% na carga desse subsistema.

O comportamento da carga de energia do subsistema Norte bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 9 e 10.

Gráfico 9: Norte - Carga de energia
(MW médio)

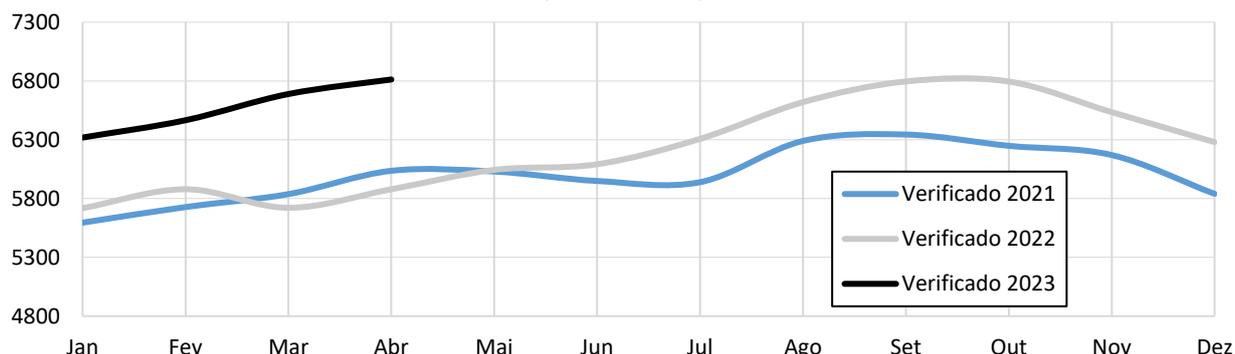
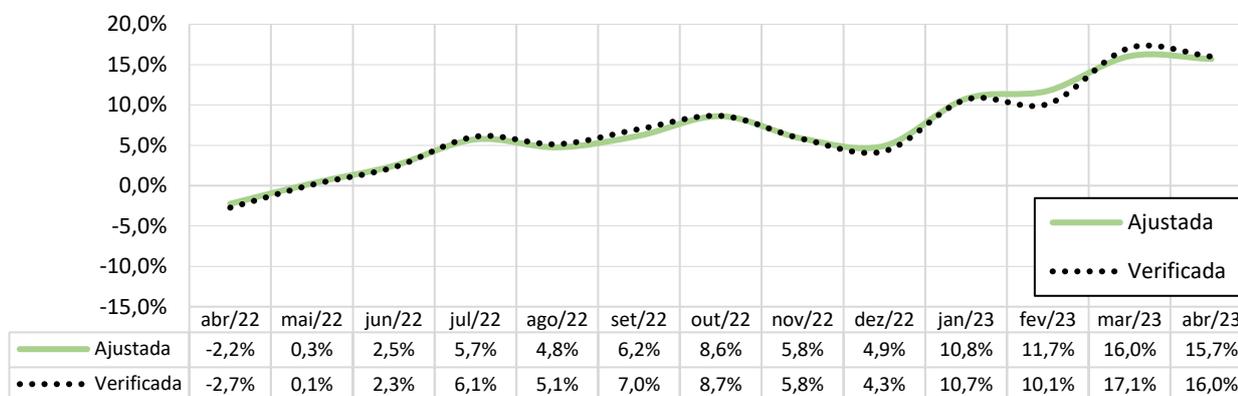


Gráfico 10: Subsistema Norte
(variação da carga em relação ao ano anterior)



Observação:

Carga Ajustada (*)

Os ajustes realizados de forma a excluir o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga são:

Temperaturas atípicas - a carga ajustada é estimada utilizando as temperaturas típicas para a época do ano em cada subsistema e não as temperaturas efetivamente verificadas. Assim, em um mês excepcionalmente quente a carga ajustada é menor que a carga verificada, o oposto ocorrendo em um mês com temperaturas atipicamente amenas. No momento o efeito da temperatura ainda não está sendo expurgado do Subsistema Norte.

Calendário - a carga ajustada é estimada usando um calendário normalizado. Isto permite compensar as variações no número de dias de carga normalmente baixa (sábados, domingos e feriados) ao longo dos meses, tornando os dados mais facilmente comparáveis.

Perdas na rede básica - as perdas na rede básica são calculadas pelo ONS, decorrem da forma como o sistema é operado, e não têm qualquer implicação econômica. Por isso são excluídas da carga ajustada.

O conteúdo desta publicação foi produzido pelo ONS com base em dados e informações de conhecimento público. É de responsabilidade exclusiva dos agentes e demais interessados a obtenção de outros dados e informações, a realização de análises, estudos e avaliações para fins de tomada de decisões, definição de estratégias de atuação, assunção de compromissos e obrigações e quaisquer outras finalidades, em qualquer tempo e sob qualquer condição. É proibida a reprodução ou utilização total ou parcial do presente sem a identificação da fonte.